



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out.2022-dez.2022
p. 217-250

Sobre a ‘mundiça’ e as ‘bichas cocotes’: georreferenciação e classe social nos circuitos gay do Recife

(About the ‘mundiça’ and the ‘bichas cocotes’: georeferencing and social class in the gay circuits of Recife)

(Sobre el ‘mundiça’ y las ‘bichas cocotes’: georreferenciación y clase social en los circuitos gay de Recife)

Luís Felipe Rios¹
Luciana Fontes Vieira²

RESUMO: Este artigo se trata da georreferenciação da sociabilidade de homens com práticas homossexuais na região metropolitana do Recife (RMR), fruto de etnografia produzida por meio de observações participantes, entrevistas e inquérito comportamental. Os lugares mais referidos são boates e bares e estão localizados no centro da capital pernambucana. A frequência dos espaços apresenta marcações de idade, estado civil, religião, trabalho e classe social. Demos ênfase à classe social e tomamos como objeto as duas boates mais citadas: MKB e Metrôpole. A primeira é descrita como suja e nojenta, frequentada por ‘promiscuos’, que curtem *darkroom* (quarto escuro para sexo), pela ‘mundiça’ (pobres) mal vestida e de precária higiene, por ‘pocs’ – ‘bichas’ pobres e efeminadas. A Metrôpole como da elite, luxuosa e bem frequentada por ‘bichas cocotes’ (elegantes). O processo de estigmatização que confere sentido aos lugares tem a ver com os componentes de escolarização de classe social e se utiliza de marcadores de categorias estigmatizadas em dois outros sistemas – ‘poc’/efeminados/gênero e *darkroom*/promiscuos/sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Georreferenciação. Homossociabilidade. Comunidade gay. Estigmatização. Classe social.

Abstract: This article is about the georeferencing of the sociability of men with homosexual practices in the metropolitan region of Recife (RMR), resulting from an ethnography produced with participant observation, interviews, and behavioral survey. The most mentioned places are nightclubs and bars and are located in the center of the capital of Pernambuco. The frequentation of spaces shows marks of age, marital status, religion, work, and social class. We emphasize social class and take as our object the two most cited nightclubs: MKB and Metrôpole. The first is described as dirty and disgusting, frequented by ‘promiscuous’ people, who enjoy the *darkroom* (for sex), by people badly dressed, unhygienic and poor (‘mundiça’), by ‘pocs’ – poor and effeminate gays. The Metrôpole is described as the elite, luxurious and well frequented by elegant gays (‘bichas cocotes’). The stigmatization process that gives meaning to places has to do with the components of schooling, of social class and uses stigmatized category markers in two other systems – ‘poc’/effeminate/gender and *dark room*/promiscuous/sexuality.

Keywords: Georeferencing. Homosociability. Gay community. Stigmatization. Social class.

Resumen: Este artículo realiza una georreferenciación de la sociabilidad de hombres con prácticas homosexuales en la región metropolitana de Recife (RMR), resultado de una etnografía producida mediante observaciones participantes, entrevistas y encuesta comportamental. Los lugares más mencionados son discotecas y bares, que están ubicados en el centro de la capital pernambucana. La frecuencia de visita de los espacios tiene marcas de edad, estado civil, religión, trabajo y clase social. Se toma como foco la clase social y como objeto de estudio las dos discotecas más citadas: MKB y Metrôpole. MKB es descrita como sucia y repugnante, frecuentada por “promiscuos”, que disfrutan del *darkroom* (cuarto oscuro para el sexo), por la “mundiça” (pobres) mal vestida y con mala higiene, por ‘pocs’ – ‘maricones’ pobres y afeminados. La Metrôpolis es considerada como la élite, lujosa y muy frecuentada por “bichas cocotes” (gays elegantes). El estigma que da sentido a los lugares tiene que ver con la variable nivel de estudios y clase social, y utiliza marcadores de categorías estigmatizadas en otros dos sistemas: ‘poc’/afeminado/gênero y *darkroom*/promiscuo/sexualidad.

Palabras clave: Georreferenciación. Homosociabilidad. Comunidad gay. Estigma. Clase social.

1 Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe), coordenador do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU), bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

2 Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe), integrante do Laboratório de Estudos da Sexualidade Humana (LabESHU).



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 23/06/2022
Aceito em 31/08/2022

1 Introdução

Este artigo discute os lugares de diversão de homens que fazem sexo com homens (HSH), integrantes de circuitos de homosociabilidade da região metropolitana do Recife (RMR), por meio de dados oriundos de pesquisa etnográfica que conjugou observação participante, várias ondas de entrevistas e inquérito comportamental, realizados entre março de 2013 e fevereiro de 2017³.

O argumento aqui desenvolvido é o de que idade, renda e estado civil modalizam a circulação pelos locais de homosociabilidade mapeados. Não obstante, classe social vai um pouco mais além na sua operação, interseccionando com as hierarquias sexuais e de gênero da própria comunidade de homens gays e outros HSH, produzindo sentidos estigmatizantes sobre lugares de lazer e seus frequentadores.

O conceito de estigmatização se refere aos processos de produção de marcações sociais depreciativas de humanidade. (GOFFMAN, 1988) Estas se formam como signos de sistemas sociais que constituem e dão inteligibilidade aos acontecimentos (sexo, gênero, sexualidade, idade, geração, raça, renda, classe social, saúde-doença etc.) por meio da produção de hierarquias de categorias de pessoas, de característica opressora, que justificam formas violentas de lidar com o outro, valoradas em graus de humanidade. (ELIAS; SCOTSON, 2000; PARKER; ANGLETON, 2021) Pessoas e grupos são objeto de muitos processos de estigmatização concorrentes, de modo que as sinergias (PARKER; ANGLETON, 2001) ou intersecções (BRAH, 2006) entre as várias marcas estigmatizantes precisam ser consideradas para aprofundar a interpretação contextual de seus efeitos.

A configuração da homossexualidade como estigma remete à crença de que sexualidade e reprodução devem estar intrinsecamente ligadas para o bem das pessoas e das sociedades, (BERLANT; WARNER, 1998; FOUCAULT, 1993; RUBIN, 1998), e se atualiza em construções de gênero, nas quais os homens efeminados são mais sujeitos à discriminação e violência que os HSH masculinos (FRY, 1982), mesmo nas comunidades gays. (RIOS, 2021b) Em muitos contextos, as parcerias sexuais de HSHs seriam formadas por alguém masculino/ativo/homem e alguém feminino/passivo/'bicha', atualizando a heteronormatividade do sistema de sexo-gênero. (RUBIN, 1975) Do mesmo modo, os processos de estigmatização pedem pela presença concreta, ainda que controlada, daquilo mesmo que se quer aniquilar, de modo que a estilização da 'bicha'

³ O projeto cujos dados são aqui discutidos vem sendo financiado pelo CNPq (processos 405259/2012-3, 470088/2013-3, 305136/2014-3, 310468/2018-3, 309265/2021-5), e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe). Além do CNPq, queremos agradecer à equipe de estudantes-pesquisadores que participaram da coleta de dados, muitos deles contando com bolsas de iniciação científica da Ufpe/CNPq e Facepe.



efeminada situa corporalmente aquilo que um homem não deve se tornar. (LANCASTER, 1999)

Frente aos processos de estigmatização, as comunidades de HSHs constituem enraizamentos territoriais nem sempre muito visíveis a olhos não treinados. (KRIEGER, 1998; GREEN, 2002) No caso brasileiro, não há marcações muito precisas em termos de moradia de seus integrantes, os chamados 'guetos', ainda assim existe uma profusão de lugares de homosociabilidade dispersos entre a hegemonia heterossexual, alguns se imbricando com as chamadas 'regiões morais'⁴ dos centros urbanos. (RIOS, 2018)

Nesses lugares é possível perceber redes de símbolos, práticas e significados compartilhados pelas pessoas que os frequentam, e que, a despeito de assunção identitária, fazem-nas se marcar como 'entendidas' sobre a *práxis* que ali se realiza. 'Entendido' é uma categoria nativa, muito presente nos primeiros estudos sobre homossexualidade no Brasil. (FRY, 1982; GREEN, 2002; GUIMARÃES, 2004) Embora tenha sido preterida às categorias homossexual (médica) e gay (política), é reveladora da dinâmica das comunidades de homens gays e outros HSHs; certo apagamento em relação às identidades e uma ênfase na compreensão de códigos e práticas que tornam pessoas afins e capazes de interagir. (RIOS, 2008; 2018)

Assim, a comunidade se faz presente sempre que duas ou mais pessoas se reconheçam enquanto 'homens que fazem' e consigam interagir social ou sexualmente, como demonstra a narrativa de Caique, jovem de 23 anos, branco, militar, consultado na primeira onda de entrevistas da pesquisa aqui discutida. Ele conta que, certo dia, caminhava em um parque às margens do Rio Capibaribe, em um bairro classe média da cidade. Percebeu, por troca de olhares, um homem interessado por ele. Numa breve conversa, decidem descer para o mangue e ter sexo. (RIOS; PAIVA; BRIGNOL, 2019)

Ser entendido compreende uma grande amplitude de devires homossexuais, dos modos como as pessoas se posicionam nesse campo de poder e desejo. (PARKER, 2002) Esses posicionamentos variados vão rumar para o corpo para configurar diferenciações. (BRAH, 2006)

As várias vertentes que compõem a comunidade homossexual se organizam em um campo que se define e se faz, nas bordas, em relação à heteronormatividade hegemônica, e nos centros, por estilos de ser homossexual. A literatura tem destacado algumas das estilizações de homossexualidades, como a 'bicha', o 'bofe', o 'boy', a 'pintosa', a 'barbie', etc. [...]. Essas e outras personagens entram na composição da sociabilidade homossexual mais ampla, da qual participam homens e mulheres de diferentes orientações sexuais e posicionamentos de gênero, registradas nas páginas das etnografias das cenas homossexuais à brasileira. (RIOS, 2018, p. 282)

4 A noção de "região moral" de PARK (1976) postula a existência de uma repartição do espaço urbano em faixas residenciais, industriais e o centro. Este último serviria ao mesmo tempo como ponto de concentração administrativa e comercial, e lugar de reunião de toda a sorte de marginalizados. Para uma revisão crítica feita sobre essa abordagem, cf. PERLONGHER (1987) e THORNTON (1997).



Se do ponto de vista das produções intersubjetivas, marcadores sociais mediam a produção de posições identitárias, estes também vão se atualizar na organização dos circuitos e dos espaços de sociabilidade e diversão de HSHs, produzindo uma diversidade de lugares ocupados conforme classe social, idade/geração, 'jeitos de corpo', gostos musicais e modos de interagir, que, na intersecção com marcações de gênero e hierarquizações sexuais⁵, produzem diferentes trânsitos pela cidade⁶.

Este artigo realiza a georreferenciação dos lugares de sociabilidade de homens gays e outros HSH, buscando pelas marcas de sexualidade, gênero, idade e classe social nas suas organizações. Para operacionalizar a análise, buscamos identificar as estilizações corporais que dão concretudes imagéticas às categorias sociais, engendrando a ação social.

Entendemos que as estilizações são produzidas por meio de identificações com personagens que permitem a incorporação subjetiva das categorias e regras sociais, produzindo figurações, imagos – marcas mnemônicas sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, táteis e gustativas), com forte carga afetiva. (BUTLER, 2010; FREUD, 2012; JUNG, 1985) Cotidianamente, no confronto com novas imagens, essas imagos voltarão a ser acionadas, guiando as interações. (RIOS, 2020) De outro modo, as estilizações devem ser compreendidas como

composições sociais, resultados estéticos e de expressividade do agenciamento de elementos corporais (constituição física, gestual, vestuário, adorno, sotaque, cheiro, gosto, textura etc.), os quais têm efeitos de enunciações de identidades. Assim, quando alguém é adscrito a uma estilização por uma configuração imagética, que emerge em dada interação, há a produção de sentidos (disposições, significados, valores, emoções) que vão mediar a ação. (RIOS, 2020, p. 55)

2 Metodologia

Os resultados aqui discutidos são frutos de pesquisa etnográfica sobre vulnerabilidade de HSHs ao HIV/aids, com trabalho de campo realizado entre março de 2013 e fevereiro de 2022, dividida em seis fases. (RIOS; ADRIÃO, 2022) Para efeitos deste artigo, além dos resultados das observações participantes (2013-2016), focaremos nos resultados de inquérito comportamental aplicado a 380 HSHs e análise de entrevistas temáticas realizadas com 20 dos respondentes do

5 Por posições sexuais, fetiches, quantidade de parceiros, uso de medidas de segurança para saúde etc.

6 Alguns exemplos podem ser encontrados nas etnografias de Rios (2004; 2008) (juventude, religião/candomblé, lugares do centro da cidade – parque, rua, boates, sexualidade), Moutinho (2006) (raça, posições de sexo-gênero e trânsito por lugares e contatos entre classes sociais), Monteiro et al. (2010) (juventude do subúrbio e do centro, classe social), Oliveira (2013) (boate do subúrbio, classe social, gênero e sexualidade) no Rio de Janeiro, Perlongher (1987) (mercado do sexo, classe, idade/geração), Simões, França e Macedo (2010) (classe, raça, jeitos de corpo, gênero), França (2013a) (classe, estilos, boates), em São Paulo, e Rios (2018) (subcultura, online/offline, bar, idade e gênero) no Recife.

7 Como teremos chance de demonstrar, nem sempre a identificação para a incorporação das imagos vai acontecer por meio de cenas experienciadas em primeira pessoa. Como mostra Bruner (1990), as narrativas são potentes na incorporação das regras sociais pelas pessoas.

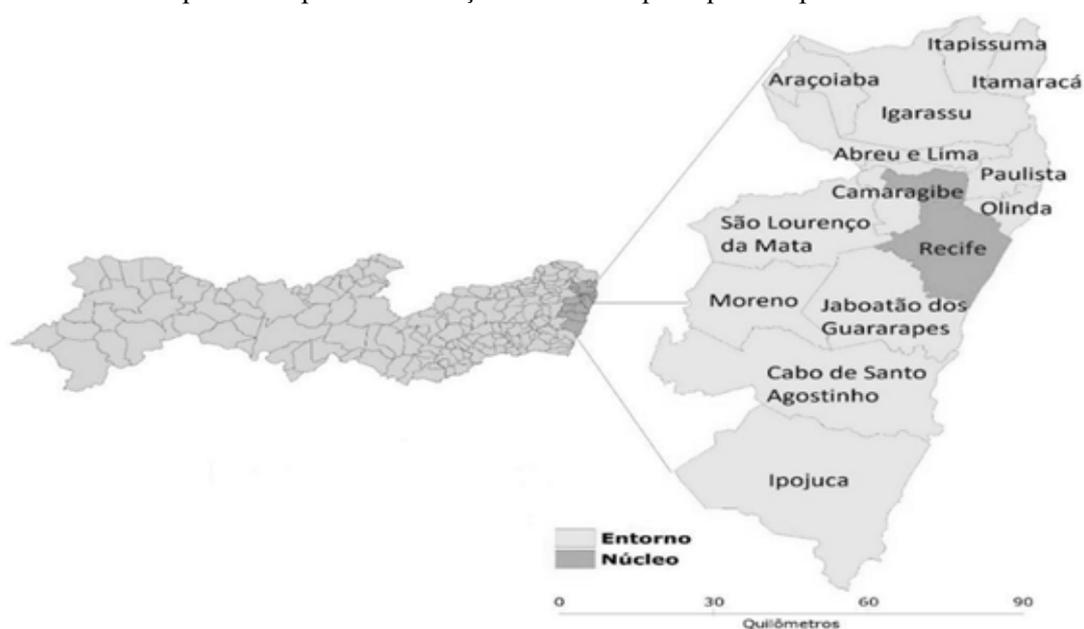


inquérito (2016-2017).

O inquérito, do tipo corte transversal, investigou o perfil sociodemográfico, conhecimentos, atitudes e práticas sobre sexualidade e saúde sexual, incluindo questões sobre territórios de homossociabilidade. Participaram HSHs com idades entre 18 e 51 anos. Ele foi aplicado por estudantes de graduação do sexo masculino.

A seleção da amostra utilizou a técnica da referência em cadeia (VALENTE, 2010), em que os participantes residentes na RMR indicavam outros possíveis colaboradores. O Mapa 1 apresenta os municípios da RMR.

Mapa 1 – Mapa de localização dos municípios que compõem a RMR



Fonte: Malha Municipal Digital do Brasil (IBGE-2010).

Em termos populacionais, a RMR registrou 3.690.547 pessoas residentes em 2010, em uma área de 2.770,45 km² (é a RM de menor áreas dentre as três principais do Nordeste brasileiro). Recife é o município mais populoso da RMR. Em termos absolutos, sua população cresceu de 1.203.887 em 1980, para 1.537.704 em 2010. (Sidrim, Fusco, 2019, p. 242)

Visando ampliar a heterogeneidade de marcações sociais da amostra, esta foi iniciada por meio de entrevistas a residentes em 6 dos 14 municípios que compunham a RMR na ocasião da aplicação do questionário (Mapa 1), os quais figuravam entre os 10 com maiores taxas de detecção para a aids do Nordeste (BRASIL, 2013), compondo 10 cadeias com um total de 380 respondentes. A Tabela 1 apresenta a distribuição de respondentes por cidades de residência e mostra que a maioria deles residiam em Recife (56,8%) e Olinda (26,6%).



Tabela 1 – Lugares de residência

Cidade de residência	n	%
Recife	216	56,8
Olinda	101	26,6
Outras	63	16,6
Total	380	100

Elaboração própria (2022).

A análise estatística das respostas aos questionários utilizou o programa SPSS (2021) e considerou como fatores de interesse: estilização corporal, posições sexuais, classe social e território (Quadro 1). Além da apresentação das frequências, foi realizada análise bivariada, investigando as associações entre as variáveis categóricas do estudo, para duas das mais citadas boates frequentadas nos últimos seis meses, as quais continham nas narrativas vieses de classe social. Foram utilizados os Testes Qui-quadrado ou Exato de Fisher, a um nível de significância de 0,05.

Quadro 1 – Resumo dos fatores e questões analisados

Conceito	Questão	Alternativas
Estilização corporal	Em relação ao seu modo de ser e se expressar, como você se percebe?	1. Efeminado, 2. másculo, 3. Não sabe, 99. Não quero responder.
Posição sexual	Do ponto de vista das práticas sexuais, você se considera?	1. Exclusivamente ativos (ExAt), 2. Versáteis, mais ativos (VeAt), 3. Versáteis (Vers), 4. Versáteis, mais passivos (VePa), 5. Exclusivamente passivos (ExPa), 99. Não quero responder.



Classe	Qual a renda média mensal familiar?	Questão aberta.
	Quantas pessoas são dependentes da renda de sua família?	Questão aberta.
	Até que série completa você estudou?	1. Analfabeto; 2. Sabe ler e escrever sem ter ido à escola; 3. 1º ao 5º ano do ensino fundamental I (alfabetização à 4ª série); 4. 6º ao 5º Ano do ensino fundamental II (5ª à 7ª série); 5. Ensino fundamental completo; 6. 1º ou 2º série do ensino médio; 7. Ensino médio completo; 8. Nível técnico incompleto; 9. Nível técnico completo; 10. Superior incompleto; 11. Superior completo; 12. Pós-graduação; 99. Não quero responder.
	Qual a sua situação de trabalho atual?	1. Servidor público; 2. Empregado com carteira de trabalho; 3. Empregado sem carteira de trabalho; 4. Trabalha por conta própria e não tem empregados; 5. Empregador; 6. Não trabalha atualmente; 99. Não quero responder.
	Qual a principal razão de você não estar trabalhando?	1. Dono de casa/cuidando da família; 2. Procurou, mas não conseguiu encontrar trabalho; 3. Trabalhos não remunerados; 4. Estudos/treinamento/estágio; 5. Aposentado/incapacitado para o trabalho; 6. Doença; 7. Outros; 99. Não quero responder.
Território	Cidade de Residência	Questão aberta
	No último ano, você frequentou algum dos seguintes locais/atividade?	1. Bares GLBT; 2. Boates GLBT; 3. Cinemas de pegação; 4. Banheiros públicos ou de shopping para fins de pegação; 5. Saunas gay; 6. Clube de sexo; 7. Grupos ou organizações homossexuais; 8. Site pornô para homens homossexuais na internet; 9. Salas de bate papo na internet, com fins de pegação; 10. Aplicativo ou site de busca de parceiros na internet/celular; 11. Ponto Gay da praia; 12. Parada da Diversidade Sexual; 13. Praças, ruas e postos de gasolina onde as pessoas com práticas sexuais se reúnem para conversar e/ou paquerar; 14. Nenhum desses lugares; 99. Não quero responder.
	Gostaríamos que você nos dissesse o nome dos cinco lugares GLBT, da região metropolitana do Recife, mais frequentados por você nos últimos seis meses.	Questão aberta.

Fonte: Elaboração própria (2022).

Vale tecer alguns comentários sobre a produção das questões, que teve como inspiração PCAPs anteriores (PASCUM; ARRUDA; SIMÃO, 2011; RAXACH et al, 2007), análises dos



dados produzidos nas observações participantes iniciais e numa primeira onda de entrevistas realizada em 2015. (RIOS et al., 2019a; 2019b; RIOS; ADRIÃO, 2022)

Estilização de gênero: nas redes de homossociabilidade investigadas neste trabalho, uma variedade de termos são utilizados para nomear as categorias de gênero dos HSHs. Os mais utilizados são 'pintosa', 'boy' e 'cafuçu'. O termo 'pintosa' tem a ver com o fato de alguém dar muita 'pinta', ou seja, assinalar, por meio de características que configuram feminilidade, que é gay. Do ponto de vista das representações que articulam estilização/posição sexual, as 'pintosas' são consideradas passivas. 'Boys' e 'cafuçus' configuram masculinidade hegemônica, ambos são percebidos como ativos. A diferença entre as duas categorias é demarcada por atributos de classe, raça e identidade sexual. O termo 'cafuçu' é usado para se referir a homens 'brutos' (sic.), pobres, pouco escolarizados e negros, que não se consideram homossexuais e fazem sexo com homens por troca de favores ou bens. (RIOS et al, 2019a) A partir do modelo dicotômico que emergiu nas narrativas, criamos uma questão para captar o modo como os respondentes classificavam eles mesmos em relação ao jeito de ser e de se expressar (estilização corporal). Utilizamos termos que pudessem ir além das nomeações usuais dentro das comunidades gays ('bicha', 'bofe', 'frango', 'pintosa', 'urso' etc.) e optamos por efeminado e másculo, acrescentando a alternativa 'não sei'.

Posição sexual: nas entrevistas biográficas da fase 2 da pesquisa, a depender do contexto narrado, as posições sexuais assumiram o caráter de prática em uma interação específica ou preferência para obtenção do prazer sexual. Diferentemente do modelo dicotômico das categorias trazidas pela literatura brasileira sobre o tema (FRY, 1982; PARKER, 1991; RIOS, 2003, entre outros), espontaneamente, surgiram outras categorias, como versátil, que nomeava pessoas que estavam disponíveis para realizar as duas posições sexuais, além de exclusivamente ativo (ExAt) e exclusivamente passivo (ExPa). A versatilidade, algumas vezes, surgia (re)hibridizada, o que sinalizava uma abertura para as duas posições, mas também uma preferência na obtenção do prazer sexual – versátil mais ativo (VerAt) e versátil mais passivo (VerPa). (RIOS *et al.*, 2019a) As cinco categorias foram utilizadas no inquérito.

Classe Social: criar indicadores para classe social é um importante desafio para as ciências sociais, uma vez que esta é uma categoria multidimensional. Remete, classicamente, à divisão do trabalho e estratificação social, com implicações de renda. Também remete a *ethos*, numa tendência deste acompanhar os estratos de trabalho e renda da sociedade, bem como associado a níveis de escolaridade. (BARATA *et al.*, 2013) A discussão sobre mobilidade social relaciona acesso à educação formal com a ocupação de melhores postos de trabalho, renda e condições de vida. (PEREIRA; SILVA, 2010; RIBEIRO, 2012) Na pesquisa, tomamos como indicadores de classe:



a) Renda familiar *per capita* – calculada pela divisão da renda familiar e o número de dependentes dessa renda. Considerando que o salário mínimo, na época, era de R\$ 800,00, os respondentes foram classificados em três faixas de renda: faixa E (até dois salários mínimos); faixa D (entre dois e quatro salários); faixa CB (entre quatro e dez salários). Vale mencionar a grande quantidade de recusa para responder a questão sobre renda familiar, o que certamente impactou análises e resultados.

b) Escolaridade – os dados foram agregados em três categorias: Fundamental (analfabeto; sabe ler e escrever sem ter ido à escola; 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental; 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; Ensino Fundamental completo; 1ª ou 2ª série do Ensino Médio; nível técnico incompleto), Médio (Ensino Médio completo; nível técnico completo) e Superior (superior incompleto; superior completo; pós-graduação). Para algumas análises dicotomizamos os resultados entre os que tiveram acesso à universidade e os que não tiveram.

c) Situação laboral – os dados foram agregados em quatro categorias: Celetistas e estatutários (servidor público; empregado com carteira de trabalho); Sem direitos trabalhistas (empregado sem carteira de trabalho); Autônomos e Empregadores (trabalha por conta própria e não tem empregados; empregador); Não estavam trabalhando (não trabalha atualmente).

d) Razão de não estar trabalhando – agregado em três categorias: Não encontrou (procurou, mas não conseguiu encontrar trabalho); Estudo e Estágio (estudos/treinamento/estágio); Outro (dono de casa/cuidando da família; trabalhos não remunerados; aposentado/incapacitado para o trabalho; doença; outros).

Lugares: para as análises sobre o lugar usamos os seguintes dados:

a) Cidade de residência – questão aberta, recodificada posteriormente para fins de análise.

b) Tipos de lugar de frequência GLBT no último ano – questão de múltiplas alternativas de resposta que foram desagregadas e dicotomizadas (sim e não). Consideramos as respostas sim para apresentação dos dados.

c) Cinco lugares GLBT frequentados nos últimos seis meses – questão aberta, recodificada posteriormente para fins de análise, resultando em 147 lugares nomeados.

O perfil sociodemográfico dos participantes do inquérito atesta que a amostra foi composta por homens negros (65,5%), com idade média de 24 anos, predominando a faixa de idade entre 21 e 30 anos (63,2%). Em relação ao modo de ser e se expressar, 44,8% declararam não saber se classificar (NSC). A maioria se autot classificou Versátil (43,5%) e poucos ExPa (8%) e ExAt (8,5%). No que se refere à escolaridade, 67,7% tinham o curso superior (completo ou incompleto).



A renda média *per capita* foi de 1,7 salários mínimos, sendo que 76,8% tinham a renda familiar *per capita* de até dois salários mínimos (faixa E). A maior parte não estava trabalhando (46,7%), e 26,4% eram celetistas ou estatutários. Estudar ou estagiar (71,6%) foram as principais razões para não trabalhar (Tabela 2).

Tabela 2 – Perfil sócio-demográfico dos participantes do inquérito

Marcador	n	%	Marcador	n	%
Raça			Escolaridade		
Branca	95	25,2	Fundamental	40	10,5
Negra	247	65,5	Médio	94	24,7
Outra	35	9,28	Superior	246	67,7
Total	377	100,0	Total	380	100,0
Faixas de idade			Faixa de renda		
18-20	102	26,8	E	195	76,8
21-30	240	63,2	D	36	14,2
Acima de 31	38	10,0	CB	23	9,0
Total	380	100,0	Total	254	100,0
Estilização de gênero			Situação laboral		
Másculo	88	23,3	Com direitos	100	26,4
Efeminado	120	31,8	Sem direitos	78	20,6
Não sei	169	44,8	Autônomos	24	6,3
Total	377	100,0	Sem trabalho	177	46,7
Posição sexual			Total	379	100,0
ExPa	30	8,00	Razão para o não trabalho		
VerPa	85	22,7	Não encontrou	36	20,4
Ver	163	43,5	Estudo e estágio	126	71,6
VerAt	65	17,3	Outro	14	8,0
ExAt			Total	176	100,0
Total	375	100,0			

Fonte: Elaboração própria (2022).

Também analisamos entrevistas temáticas, com foco biográfico, de perspectiva narrativa, de 20 dos 380 respondentes ao questionário. Conforme Bruner (1990), as narrativas se constituem no momento em que algo desafia o canônico e há a necessidade de restituir uma ordem significativa. Por meio das narrativas, se tem acesso à ligação entre o universo cultural, as normas sociais, e as idiossincrasias do sujeito. Para produzirmos narrativas conservamos uma perspectiva histórica e tomamos as questões de entrevistas como interpelações sobre a canonicidade das experiências dos interlocutores. Elas foram conduzidas por mulheres jovens, estudantes de graduação em Psicologia.



Foi empregada a análise temática (RIOS; ADRIÃO, 2022) de modo a compreender as cenas de sociabilidade e a georreferenciação dos lugares. Foram especialmente importantes respostas às questões do roteiro de entrevistas sobre os primeiros territórios e os atuais territórios GLBTs frequentados, foco de nossa discussão neste texto. Para garantir o sigilo e anonimato, utilizamos nomes fictícios para nos referirmos a eles. Alguns dados sociodemográficos dos interlocutores, retirados do inquérito, estão no Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização sociodemográfica dos interlocutores das entrevistas

Nome	Idade	Residência	Cor	Gênero	Posição sexual	Instrução	Renda (R\$)	Frequentação
Humberto	19	Jaboatão	Parda	Não sabe	VerPa	Superior incompleto	-	Ufpe, Bar Estelita, Downtown Pub, Marco Zero, Shopping Boa Vista
Durval	24	Recife	Indígena	Efeminado	Vers	Pós-graduado	E/1300,00	Ocupações de Faculdades e Escolas, Bar Estelita, Downtown Pub, Marco zero, Shopping Boa Vista
Paulo	23	Cabo	Preta	Efeminado	Vers	Técnico incompleto	E/333,00	Conchittas, Boate Metrôpole
Leandro	36	Recife	Branca	Não sabe	VerAt	Superior incompleto	D/2000,00	Quadra de vôlei do 82
Rafael	20	Jaboatão	Amarela	Efeminado	VerPa	Superior incompleto	D/1750,00	Santo Bar, Miami Pub, Metrôpole, Festa Fritz
Roberto	20	Jaboatão	Preta	Não sabe	Vers	Superior incompleto	-	Metrôpole, Santo Bar, Rua da Moeda
Luís	22	Recife	Preta	Efeminado	Vers	Superior incompleto	D/2583,00	Santo Bar, Metrôpole, IBGM, Recife Antigo, Cidade de São Paulo
João	26	Olinda	Preta	Efeminado	VerPa	Fundamental	E/1500,00	Boate MKB, Boate Metrôpole, Shopping Boa Vista, Posto Select
Guilherme	20	Jaboatão	Parda	Não sabe	Vers	Superior incompleto	E/725,00	Bar Estelita, Downtown Pub
Miguel	18	Recife	Preto	Másculo	Vers	Superior incompleto	E/1004,00	Metrôpole, Santo Bar
Marcel	38	Paulista	Branca	Não sabe	VersAt	Médio completo	E/286,00	-
Juliano	21	Ipojuca	Branca	Não sabe	VersAt	Superior incompleto	D/1750,00	Metrôpole, Miami Pub, Santo Bar, Galeria Joana D'Arc, Sauna Progresso
Genilson	25	Olinda	Preta	Não sabe	Ativo	Superior incompleto	E/300,00	Rua da Moeda, MKB, Rua das Ninfas, Pátio de Santa Cruz, CAC/UFPE



Marcilio	26	Ipojuca	Preta	Não sabe	Vers	Superior incompleto	E/1150,00	Nosso Jeito Bar, Metr�pole, Santo Bar, casa de amigo, CAC/UFPE
Marcelo	19	Cabo	Amarela	Não sabe	Vers	Superior incompleto	D/2667,00	MKB, Metr�pole, Santo Bar, Lesbian Bar, CAC/UFPE
Davi	18	Cabo	Branca	M�sculo	VersAt	Superior incompleto	E/200,00	Marco Zero, Praça do arsenal, Shopping Boa Vista
Celso	24	Recife	Preta	Não sabe	Vers	Superior	E/267,00	Ponto gay da praia, Santo Bar, Metr�pole
Canindé	39	Recife	Parda	Não sabe	VersAt	Superior incompleto	E/438,00	Metr�pole, Centro de Educa�o/UFPE, Praia de Pau Amarelo
Giorgio	28	Recife	Parda	Efeminado	Passivo	Superior	D/3500,00	-
Márcio	21	Olinda	Parda	Não sabe	VerPa	Superior incompleto	-	Bar Conchittas

Fonte: Elabora o própria (2022).

3 Resultados e discussões

O inquirido investigou os tipos de lugares gays mais frequentados no último ano. 76,8% mencionaram boates, 73,2% bares, 62,6% sites porn s, 55,5% aplicativos para busca de parceiros, 22,4% praças, ruas, postos de gasolina e 15% salas de bate papo na internet (Tabela 3). Espaços mais orgi sticos, como banheiros públicos ou de shopping para fins de ‘pega o’⁸ (7,1%), saunas gays (7,1%) e cinema de pega o (4,2%), onde as pessoas vão para ter sexo, foram os menos citados. Cinco questões abertas pediram os nomes dos lugares GLBT mais frequentados nos últimos seis meses, por ordem de frequenta o. Foram um total de 147 lugares mencionados, incluindo boates, bares, festas, restaurantes, manifesta es culturais (ensaios de quadrilha e frevo, por exemplo), praias, shoppings centers, universidades, casa de amigos e lugares do centro histórico do Recife. Eles são referidos na Tabela 3, e alguns georreferenciados nos Mapas 2 e 3.

Os mapas foram construídos com auxílio do Google Maps, a partir dos lugares mais citados no inquirido e aqueles que, ainda que não tenham sido citados (alguns bares, parques públicos e motéis), consideramos relevantes a partir de nosso banco de dados ampliado (observa es e entrevistas). Não por acaso, a georreferen a o foca no Centro do Recife, no território conhecido pelos HSHs como bairro da ‘Boa Bicha’ (que inclui espaços nos bairros da Boa Vista, Soledade e

⁸ Gaspar Neto (2011, p. 148) define pega o como um termo designativo: “para intera es eróticas rápidas e an nimas entre homens, tais como voyeurismo, exibicionismo, masturba o mútua ou não, fela o e penetra o anal. A pega o também pode estar associada a outras formas de sociabilidade, como uma simples paquera, manifestada, por exemplo, em um bar, em uma boate ou mesmo na fila de um banco. De todo modo,  -lhe atribuída, na maioria das vezes, uma conota o pejorativa, sendo caracterizada como algo relacionado   promiscuidade.”



Santo Amaro) (Mapa 2) e no 'Antigo', o centro histórico do Recife (Mapa 3)⁹

3.1 Territórios de homossociabilidade do Recife

Nos Mapas 2 e 3 é possível localizar os principais estabelecimentos comerciais e espaços públicos de homossociabilidade do centro do Recife, entre 2013 e 2016. Considerando o agrupamento das cinco questões, os mais citados foram a boate Clube Metr pole [21] (57,4%), o Santo Bar [20] (42,9%), o Bar Conchittas [19] (23,4%) e a boate Meu Kaso Bar, mais conhecida com MKB [9] (17,9%). No entanto,   preciso considerar que os nossos interlocutores circulam por uma variedade maior de espaços em busca de diversão e paquera, alguns LGBTs, outros *gayfriendly*, outros nem tanto. Isso ficou mais evidente nas entrevistas.

Tabela 3 – Lugares de frequenta o.

Lugares	n	%
Tipos mais frequentados no último ano		
Boates	292	76,8
Bares	278	73,0
Site porn�s	238	62,6
Aplicativo	212	55,8
Parada da Diversidade	116	30,5
Praças, ruas, postos de gasolina	85	22,4
Bate papo na internet	57	15,0
Parada da diversidade sexual	116	30,5
Ponto gay da praia	46	12,1
Grupos ou organiza�es homossexuais	33	08,7
Banheiros públicos ou de shopping para fins de pega�o	27	07,1
Saunas gays	27	07,1
Cinema de pega�o	16	04,2
Clube de sexo	1	00,3
Mais frequentados nos últimos seis meses (dez men�es ou mais)		
Boate Metr�pole [21] ¹⁰	218	57,4
Santo Bar [20]	163	42,9
Recife Antigo** (P. Arsenal [2], Rua da Moeda [3], Marco Zero [1]) ¹¹	107	28,2
Bar Conchittas [19]	89	23,4
Boate Meu Kaso Bar (MKB) [9]	68	17,9
UFPE*** (CAC, CFCH, CE, Laguinho, Concha) ¹²	54	14,2
Miami Pub [22]	34	08,9

9 Certamente n o podemos deixar de mencionar que nas cidades menores, e mesmo nos sub rbios de Recife e Olinda, h  lugares informais, como praças, praias e a casa de amigos, que d o contorno para a vontade dos amigos estarem juntos, assunto que será melhor explorado em outro texto.

10 Referência   marca o dos lugares nos mapas.

11 Agregamos todas as referências a Recife Antigo, Praça do Arsenal, Rua da Moeda e Marco Zero, popularmente conhecido como o 'Antigo'.

12 Agregamos numa só categoria todas as referências a espaços da Universidade Federal de Pernambuco.



Posto Select [23]	31	08,2
Shopping Boa Vista [14]	28	07,4
Praia de Boa Viagem	17	04,5
Lebian Bar [16]	13	03,4
Nosso Jeito Bar [7]	13	03,4
Manifestações culturais (Frevo, Samba, Quadrilha)	14	03,7
Sauna Progresso [17]	12	03,2
Bar Estelita	11	02,9
Casa de amigo	10	02,6

Fonte: Elaboração própria (2022).

Mapa 2 – Território de sociabilidade gay do Centro do Recife I: ‘Boa Bicha’



Fonte: Elaboração própria (2022).

Mapa 3 – Território de sociabilidade gay do Centro do Recife: 'Boa Bicha' à esquerda e Antigo à direita



1	Praça do Marco Zero	7	Confraria dos Ursos	13	Bar Mustang	19	Bar Conchittas
2	Praça do Arsenal	8	Cine Boa Vista	14	Shopping Boa Vista	20	Santo Bar
3	Rua da Moeda	9	Meu Kaso Bar	15	Bar Lisbela	21	Clube Metrópole
4	Parque 13 de Maio	10	Barracas de rua	16	Lesbian Bar	22	Miami Pub
5	S&L Hotel	11	Bar Nosso Jeito	17	Sauna Progresso	23	Posto Select
6	Mix Pub	12	Termas Boa Vista	18	Barracas de rua	24	Hotel Henrique Dias

Fonte: Elaboração própria (2022).

Luís¹³ relatou no primeiro encontro o Santo Bar [20], a Boate Metrópole [21], a faculdade IBGM (no Centro), o Recife Antigo [1, 2, 3], e a cidade de São Paulo, como os cinco lugares de maior frequência nos últimos seis meses. Ele contou que o primeiro lugar gay que conheceu foi a Metrópole [21], com 16 anos. Embora no inquérito a Metrópole [21] apareça como seu primeiro lugar de frequência, na entrevista relata que ultimamente iria mais reuniões sociais na casa de amigos. Explica:

Eu passei um tempo frequentando muito (a Metrópole [21]), que foi justamente nos meus 18, 19 anos. E aí eu acabei enjoando, sabe? Hoje eu prefiro mais uma reunião, chá com os amigos, e tudo mais. [...] As mesmas músicas, a mesma, o mesmo público, os mesmos

13 Preto, 22 anos, morador de Recife, efeminado, versátil, curso superior incompleto, renda per capita de R\$ 2.583,00.



DJs. E eu gosto muito de coisa nova, conhecer coisa nova. [...] Eu vou. Eu não deixei de ir. De jeito nenhum. Eu vou, mas de dois em dois anos, de três em três anos, entendeu?

Além da Metrópole [21] e da casa de amigos, também menciona outros espaços do Centro, que embora sejam frequentados pelo público gay, no seu olhar, não são propriamente LGBTs, como o Sushi Digital (na Rua da Moeda [3]) e o Bar Mustang [13].

Celso¹⁴, além do ponto gay da praia (de Boa Viagem), do Santo Bar [20], e da Metrópole [21], na ocasião do inquérito, menciona vários outros lugares no bairro da Boa Vista, e nas proximidades da Universidade Federal de Pernambuco, onde cursava graduação, próxima ao bairro de sua residência, a Várzea:

(Boa Vista) é um bairro muito bom, adoro ali. Tenho amigos que moram ali de boa. De bares, assim, eu gosto de frequentar o Lisbela [15], na Terça do Vinil¹⁵, adoro. Muito bom ali. Conchisttas [19]¹⁶, já fui; aqueles barzinhos ali, bem, bem alternativos, também mais alternativos, adoro, adoro. Toca música MPB, toca Pop, então assim, adoro esses bares, assim, sem...

Pega bebo também. [...] Tem um perto de casa que eu vou, frequento. Passo pra ir pra casa, de boa, adoro lá. Bem pega bebo mesmo. Vou lá, toco triângulo, chamo a galera, toco. As músicas que tocam, muito boas [...] Eu me sinto muito bem, muito bem nesses ambientes, não quero trocar por outros bares assim, mais badalados.

O Bar do Cavanhaque¹⁷, sou frequentador assíduo, a galera pensa até que eu tenho uma mesa em meu nome, lá já. Porque eu gosto muito, que um lugar que me faz bem, perto da universidade, que vai uma galera muito boa, muito aberto. Toda vez que eu vou lá boto música pop, música de veado assim, mas de boa. Aconselho também.

Mas tipo, eu gosto muito, apesar de ser, por exemplo, tem um bar aqui perto de onde eu moro, bar de seu Neném, Bar do Peludo. Tipo assim, apesar de ser um bar hetero, tá ligado? Esse bar é hetero mesmo, mas a música é muito boa, tá entendendo? Chego lá, só toca o quê?! MPB das antigas. Luiz Gonzaga agora, né? Período junino. E é muito bom, me sinto muito bem lá, apesar de não ser totalmente gay, esse negócio, porque assim, é um ambiente pela música, pela galera...

Praia também, tem, é... ano passado eu frequentava muito um posto, Posto 7 (na praia de Boa Viagem), se não me engano, que é muito gay, muito gay mesmo, assim. [...] Em Boa Viagem, chega, tem a bandeira do arco-íris lá, muito de boa. Já fiquei com menino lá, de boa e ninguém nunca reclamou. Um ambiente muito bom, muito bom. [...] Mas é massa lá, conheci uma galera muito boa lá, bem pintoso, muito, muito massa, muito gente boa a galera. Enfim, a gente manteve a amizade também pra sair, conheceu lá e se manteve a amizade pra sair também, de boa. Quando a gente se encontra chama pra sair pra outro lugar, muito bom, muito bom mesmo.

14 Preto, 24 anos, morador de Recife, não soube se classificar quanto ao gênero, versátil, renda per capita de R\$ 267,00.

15 Evento semanal que havia recentemente se deslocado de um bar em Olinda para o bar Lisbela [15] no pátio de Santa Cruz. Não é considerado espaço GLBT, mas pode ser concebido como gayfriendly.

16 O Conchittas [19], à época das entrevistas, funcionava num pequeno espaço, na Av. Manoel Borba. Posteriormente, em 2017, desloca-se para um espaço bem maior, vizinho do Miami Pub [22]. Há quem diga que passou a fazer parte do conjunto de estabelecimentos LGBTs administrados pela empresária Maria do Céu, como a Metrópole [21], o Miami Pub [22] (espaço onde se realizavam festas temáticas variadas, anexo à boate) e Santo Bar [20].

17 É um dos muitos bares que circundam a UFPE. É considerado mais alternativo e pode ser concebido como *gayfriendly*, bastante frequentado por estudantes do Centro de Artes e Comunicação (CAC) e do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). O próprio Celso relata já ter 'ficado', incluindo beijo na boca e carícias, com pessoas (homens e mulheres) no local, sem passar por nenhum constrangimento.



Leandro¹⁸, professor de Educação Física, relata um de seus lugares de trabalho, uma quadra de vôlei, como lugar LGBT, por ele frequentado nos seis meses anteriores à aplicação do inquérito. Durante o segundo encontro, na ocasião da entrevista, ele se descreve como muitos que se dizem fora do meio e que preferem se relacionar com alguém também fora do meio, por isso não costuma frequentar boates ou outros espaços gays. Fato que também aparece atrelado por ele à sua profissão. Teme encontrar algum aluno nos espaços e haver a perda do respeito. Ele diz que até evita entrar em banheiro de shoppings centers, para não encontrar algum conhecido fazendo pegação. Mesmo assim, já foi à Metrópole [21] acompanhando um amigo gay em visita ao estado.

Paulo¹⁹, no inquérito, disse que frequentou o Conchittas [19] e a Metrópole [21], mas, por problemas espirituais, na ocasião da entrevista, havia deixado de frequentar bares e boates gays:

Olha, ultimamente eu estou muito parado. Eu não vou mais pra boate, eu não gosto mais, em questão da minha, da minha espiritualidade. Aí já envolve outra área, já envolve a minha religião, porque eu acredito, eu sou, todos nós somos médiuns, né? E eu sou muito aflorado, tenho uma energia muito forte. E eu não sei dominar essa energia ainda e tem lugares que eu estou andando, tipo uma esquina, um espírito incorpora em mim. [...] E eu sofro muito com isso. E em boate tem muita energia, principalmente negativa. [Quando tu começaste então a se sentir assim e entrar na religião? Quando foi?] Na religião? Quando foi? Esse ano. [...] [Mas, tipo, antes então, tipo, no caso faz um ano, né? Antes disso, onde tu costumavas passar mais tempo?] Ah, eu ia, eu ia, eu quengava bem muito, ia pros Carnavais, ia pra, pros bares ali na Rua da Moeda [3], ia pra Metrópole [21], todo final de semana eu estava batendo ponto na Metrópole [21].

Ele conta como começou a frequentar os espaços de homossociabilidade:

Olha, eu comecei a ir pra Marco Zero [1], né? Toda bicha que se preze do Recife vai pro Marco Zero [1]. [...] Aí começa com os amiguinhos, começa a ir andar, viçar, né? Que é roteiro muito certo, vamos viçar atrás de macho. Aí eu ia com os meninos dia de domingo, e, às vezes, eu ia dia de sábado pra passar o domingo lá na, na, ali perto do Shopping... [Boa Bicha [14]?] Boa Bicha [14] não. Não tem a Livraria Cultura, né? [É o Alfândega.] [...] Aí eu ficava por ali, nas boates. E tipo, eu sempre fui pra boate, não fui com a intenção de, de fazer pegação. [Uhum.] Se aparecesse um menino era ótimo, né? Que a gente ficava e tal, porque todo mundo gosta de uma safadeza. [Sim.] E eu não vou ser hipócrita, eu adoro. E eu quando ia pra lá eu ia com a intenção de ver meus amigos, de dançar, eu era que quebrava tudo, e que ficava bem louca. [Uhum.] Doidona de cachaça, descia até o chão, era uma esculhambação só. Mas era ótimo.

[E tipo qual foi a tua primeira boate, então?] Foi a Moeda Eletrônica²⁰, podre. [...] Lá na Rua da Moeda [3]. [...] É em cima, ela é em cima. [Ah.] Porque era, como era mais barato, né? Não tinha dinheiro pra ou a gente escolhia o vinho, né? Que é de lei, Carreteiro, ou a gente entrava na boate, a gente entrava na boate, eu e as gays. [...] Aí, quem tinha cartão já aí passava o cartão e a gente bebia lá em cima, mas a gente entrava e fazia um complô com o segurança e ele deixava a gente entrar. Porque a gente era de menor, às vezes, tinha uns de menor, né? [Aham.] Aí a gente, os de maior entravam de boa, mas os de menor só entravam se todo mundo entrasse. [Mas a tua experiência

18 Branco, 36 anos, morador do Recife, não soube se classificar quanto ao gênero, versátil mais ativo, superior incompleto, renda per capita de R\$ 1.750,00.

19 Negro, 23 anos, efeminado, morador do Cabo de Santo Agostinho, curso técnico incompleto, renda per capita de R\$ 333,00.

20 A boate Moeda Eletrônica teve pouco tempo de existência. Ela chegou a ser referida no Guia Gay do Recife (GUIA..., 2014), mas não temos certeza se ainda existia na ocasião da entrevista com Paulo. Ficava numa das esquinas da Rua da Moeda [3], no primeiro andar de um sobrado. Imagens dela podem ser encontradas em seu perfil no site Foursquare City Guide: <https://bit.ly/3PJx5yT>.



sempre foi positiva?] Foi, foi. [...] Assim, o ambiente não é tão perfeito, né? Porque eu não sabia o que era uma boate, mas pra mim aquele lá, aquele reboco de parede era... [...] Era a melhor coisa que tinha, né? No momento. [...] Tinha um palquinho, aí a gente fazia altos shows.

Durval²¹ menciona como locais de frequência LGBT na ocasião do inquirito as Ocupações de Faculdades e Escolas²², Bar Estelita, Downtown Pub²³, Marco zero [1], Shopping Boa Vista [14]. Na entrevista diz não gostar muito de locais fechados, prefere os abertos como o Conchittas [19], ou o Santo Bar [20], onde dá pra sentar e conversar com as pessoas. Já havia ido duas vezes para a Metrópole [21], mas não gosta tanto por ser fechado. Responde de modo inusitado quando perguntado sobre os primeiros lugares LGBT que frequentou:

[Foi tipo um parque, uma boate?] Acho que universidade. [Foi na universidade?] Foi na universidade. [Daqui ou de?] Não, foi na Federal do Ceará. [Ceará?] É. Acho que foi meu primeiro ambiente com diversidade de gênero. [Uhum.] Diversidade sexual gigante, é, e eu fui vendo cada vez mais que o mundo era bem maior do que eu imaginava, sabe? [Uhum.] Ele era muito quadrado e ele foi se expandindo. [Tô ligada.] É isso. [E qual foram, tipo, os outros locais além da universidade?] Ah, na universidade, lá, era numa, era no Crato, então tipo não tinham muitos locais LGBT. Tinham locais onde tinham mais frequentantes, que eram barzinhos, mas eram frequentados por todo tipo de gente. [Entendi.] Era, tipo, você encontrava gay, hétero, todo mundo estava.

3.2 Sobre lugares

As comunidades gays contemporâneas se organizaram, ao longo do século XX, a partir da estigmatização de suas práticas sexuais, em que o impedimento de realização do desejo sexual por homens, na residência e/ou no matrimônio heterossexual, constituiu como espaços e dinâmicas privilegiados para a satisfação sexual a 'rua'²⁴, o anonimato e a impessoalidade. (GREEN, 2002; PERLONGHER, 1987; RIOS, 2004)²⁵

Historicamente, as redes e circuitos de homossociabilidade tomam os espaços de parques e banheiros públicos como locais de pegação, quase sempre nas imediações de regiões morais. (GASPAR NETO, 2011; HUMPHERYS, 1997; PERLONGHER, 1987) Os pontos comerciais, de certo modo, vão se estabelecendo a *posteriori* por invasão e posse de bares (geralmente já ocupados por outros dissidentes sexuais) e/ou pelo reconhecimento de um nicho de mercado a ser explorado, mas guardando muito daquele *modus operandi* – uma certa licença para a libertinagem.

21 Indígena, 24 anos, efeminado, é oriundo do Crato, no Ceará, e morava no Recife por ocasião do inquirito.

22 Durval traz essa importante lembrança histórica: nossa coleta se deu durante as ocupações na UFPE contra a PEC do teto de gastos, e havia um grande engajamento de estudantes LGBTs nesta causa.

23 Fica no Recife Antigo, mas não seria caracterizada como gay ou gayfriendly pela maioria das pessoas.

24 No sentido dado por DaMatta (1985) para a delimitação simbólica dos espaços – casa, rua e outro mundo –, que circunscrevem o que é possível de ser dito, feito e mesmo transgredido a cada um deles. (Cf. PARKER, 1991)

25 Vale sublinhar que o sexo fora da casa e do casamento vem sendo uma prerrogativa masculina, inclusive a frequência das zonas de prostituição feminina se constituindo, para solteiros e para casados, uma das marcas da masculinidade heterossexual. A presença de ambiente para sexo nos estabelecimentos do mercado sexual feminino pode ter servido de inspiração para os ambientes para sexo dos estabelecimentos gays.



(BENÍTEZ, 2007; BRAZ, 2013; 2014; FRANÇA, 2007; POCAHY, 2012) Não deve causar espanto que a possibilidade de realização de interações sexuais no lugar de sociabilidade, ainda que em ambiente reservado, seja aqui tomado como um primeiro critério pra classificar os espaços de homosociabilidade.

Práticas sexuais: há estabelecimentos explicitamente destinados a abrigar interações sexuais: os hotéis, como S&L Hotel [5] e Hotel Henrique Dias [24], as saunas, como a Termas Boa Vista, mais conhecida como TBV [12] e a Progresso [17], e os cinemões, como o Cine Boa Vista [6]. Há ainda os banheiros públicos ou de shoppings, que embora tenham tido pouca expressão de frequência na amostra (respectivamente, 7,1% e 4,2%), são classicamente lugares de pegação de HSHs. (GASPAR NETO, 2011; HUMPHERYS, 1997) Não houve referências à frequência de parques públicos, importantes lugares de pegação (RIOS, 2003; 2004; TERTO JR, SEFFNER, 2010), ainda que entrevistas de outras fases da pesquisa, conversas informais e observações permitam dizer que eles existem, por exemplo: parque 13 de Maio [4], no Centro, o parque da praia de Rio Doce, próximo à estátua de Iemanjá, em Olinda, e alguns dos parques que ladeiam os rios do Recife – como aquele que serviu de cenário para a transação sexual vivida por Caique, que mencionamos acima. (RIOS, 2020; 2021a; RIOS; PAIVA; BRIGNOL, 2019)

Também há espaços onde interações sexuais são impedidas de acontecer. No caso dos que mapeamos no centro do Recife, seriam exemplos estabelecimentos como o Santo Bar [20], o Conchittas [19] e a Metrópole [21], as barraquinhas de venda de comida e bebida que se organizam no entorno dos estabelecimentos formais [10, 18], os points de praias, ruas e praças [1, 2, 3].

Também há lugares híbridos, como a MKB [9] e a Confraria dos Ursos [19], onde é possível ter sexo nos *darkrooms*²⁶; ou alguns ambientes de saunas e cinemões, onde as pessoas podem dançar, conversar com amigos e conhecidos, independentemente de interesse sexual, como acontece nos mesmos Cine Boa Vista [8], e saunas Progresso [17] e TBV [12].

Um novo conjunto de espaços aparece na georreferenciação gay do Recife: as faculdades e universidades. A narrativa de Durval nos remete à importância das universidades na redescritção das concepções sobre sexualidade e gênero, não apenas na produção de teorias desestigmatizantes, mas tornando as próprias instituições lugares de frequência de pessoas LGBTQ+ (ressalte-se que não apenas estudantes universitários). Várias instituições foram citadas, tendo a Ufpe sido mencionada por 14,2% dos respondentes e o CAC o lugar de maior frequência.

Como discutido em outro trabalho, que analisa dados desta mesma pesquisa, há parcial corroboração da tese de Fry (1983) de que o processo de modernização sexual do país levaria

26 Quarto escuro, utilizado nos ambientes de boates, bares e mesmo saunas para pegação e sexo. (BENÍTEZ, 2007)



a um modelo mais igualitário de organização das parcerias sexuais, em que estas não seriam reguladas pelas diferenças de gênero. Creditamos a modernização ao acesso à universidade, independentemente de renda. Explorando a desejabilidade por atributos de gênero, percebemos que os menos escolarizados tendem a um modelo hierárquico masculino/feminino e os que já estiveram na universidade para um modelo simétrico de gênero. (RIOS, 2021b)

Mas, também é importante que se diga, a UFPE pode ser pensada como um desses locais híbridos, onde o sexo, neste caso ainda que proibido, pode acontecer. São famosas as pegações existentes em banheiros e nos parques que a compõem.

Idade: com exceção das ruas e praças, como as do Antigo [1, 2, 3], nos shoppings, como o Boa Vista [14], ou no comércio ambulante que se organiza próximo às boates [10, 18], todos os estabelecimentos abertamente gays, por força da lei, impedem a entrada de menores de 18 anos. No entanto, como mostra a narrativa de Paulo, sempre há como convencer os seguranças para entrada, sobretudo quando o corpo configura estilisticamente mais que a idade permitida.

Ainda considerando a narrativa de Paulo, que é reforçada por muitos de nossos interlocutores, o Antigo é um lugar importante para a socialização fora do armário de jovens gays. Não apenas pela permissividade em relação à diversidade sexual e de gênero, mas também por sua infraestrutura proporcionar diversão com baixo custo, que inclui ficar próximo de um terminal de ônibus que liga ao centro do Recife a vários bairros dos subúrbios e cidades da RMR – o Terminal de Passageiros do Cais de Santa Rita. No Antigo a maior frequência é no cair da tarde e início da noite de um público mais jovem e menos preocupado com o anonimato. Talvez porque a própria distância de suas residências já funcione como armário²⁷.

Ainda sobre os territórios de circulação dos mais jovens, Rios (2012b) narra a cena ocorrida na pesquisa para mestrado, realizada na RMR em 1996, em que, numa festa de candomblé, conversou com um jovem menor de 18 anos que estava num terreiro pela primeira vez, acompanhando um amigo, por terem sido barrados na porta da boate. Terreiros, igrejas e manifestações culturais como ensaios e apresentações de quadrilhas, frevo e samba foram mencionados como lugares de homosociabilidade, e mesmo não tendo alcançado grande expressão percentual no inquérito, merecem ser mencionados. Talvez a pouca expressão deva-se ao fato de que objetivamente não são lugares LGBT+, ainda que tenham uma expressiva presença de gays e outros HSH.

Outros marcadores: mesmo para os maiores de 18 anos, a decisão pelo ingresso em determinados estabelecimentos vai estar mediada pelo valor da noitada, incluindo o transporte

²⁷ De todo modo é importante lembrar que o Antigo já teve, no passado, tudo aquilo que caracterizaria uma clássica Região Moral; durante o dia centro administrativo da cidade, e à noite zona boêmia e de prostituição feminina da cidade, recebendo constantemente marinheiros estrangeiros, já que fica bem próximo ao porto.



de casa ao local da festa. O preço da entrada pode ser um impedimento não só por questões de classe social, mas também porque mesmo os jovens advindos de famílias mais abastadas podem não ter renda pessoal para acessar determinados espaços, por ainda serem delas economicamente dependentes (RIOS, 2004) – observem que a pesquisa em discussão tem um perfil amostral de jovens bastante escolarizados, mas com renda baixa, lembrando que muitos ainda estão na universidade.

Outros marcadores e pertencimentos, além da idade e renda, já mencionados, fazem a mediação da circulação pelos lugares de homossociabilidade supracitados. Leandro nos lembra que a inserção laboral pode ser um elemento importante nos modos de circulação por espaços, professor de vôlei, um esporte associado à homossociabilidade, e temendo ser retirado do armário por algum de seus alunos, com implicações na carreira profissional, evita circular por lugares gays, inclusive banheiros de shopping centers. Ele vive a epistemologia do armário (SEDGWICK, 2007), na perene dúvida se está tendo sucesso em “disfarçar” sua orientação sexual²⁸.

Retomando a narrativa de Paulo, uma mudança de escolha dos lugares para onde ir foi inicialmente relacionada por ele à nova religião, assumida após a aplicação do inquérito. Ainda que não associado diretamente por ele, entendemos que dois outros fatores também contribuíram para sua retirada da cena gay mais comum dos bares e boates: o fato de estar namorando sério e a recente descoberta sobre sua condição sorológica positiva para HIV. São eloquentes os relatos relacionados ao estado civil, em que casados e namorados dizem diminuir a frequência à balada, especialmente às boates. Do mesmo modo, Paulo narra uma série de transformações que ocorreu em sua vida quando descobre ser uma pessoa vivendo com HIV. Como aprofundado em outro trabalho (RIOS *et al.*, 2022), a descoberta de portar o vírus fez Paulo repensar sua vida, incluindo a lida com as amigas, pessoas com quem saía para as farras, com a busca de parceiros sexuais e o uso de medidas de prevenção. Todas essas mudanças com implicações na circulação pelos espaços de homossociabilidade.

O circuito: de certo, os bares, boates e outros estabelecimentos à esquerda do Mapa 3 tem um funcionamento mais próximo do concebido como região moral, especialmente quando durante a noite o movimento do comércio e estabelecimentos de prestação de serviços sede espaço para a diversão, conferindo anonimato aos frequentadores dos bares e boates.

Considerando as observações realizadas entre 2013 e 2016, percebemos no território da 'Boa Bicha', que concentra os lugares abertamente GLBT, com o passar do tempo agregando

28 Questões relacionadas ao trabalho e ao sistema de sexualidade e de gênero foram situadas por Rubin (1997) e Clastres (1978). Rodrigues e Nardi (2008) e Rios (2012b) abordaram a dinâmica do armário na interface com trabalho. Notadamente, os autores sublinham como as estigmatizações de gênero têm efeitos mais perversos com os homens femininos que com os homens masculinos.



outros estabelecimentos diversos, como que formando uma cadeia produtiva, em que bares, boates, saunas, quiosques, barracas, cinemões etc. não apenas concorrem entre si, mas também oferecem uma diversidade de possibilidades de diversão e prazer, observando segmentações e gostos da comunidade GLBT.

No contexto de ampliação da violência urbana, pode ser interessante recorrer a um bairro com as possibilidades de diversão ofertadas na 'Boa Bicha'. São enésimas possibilidades de circular no circuito formado pelo Mapa 2²⁹. Tomaremos algumas das muitas trajetórias possíveis como exemplos.

Na Boa Vista é possível iniciar a noite encontrando os amigos em uma barraca na rua ou um dos muitos bares dos dois lados da avenida. Antes das 24 h, para quem quer economizar na entrada, é o momento de ingressar numa boate para dançar e azarar. Encontrando alguém interessante, e ambos estando a fim de sexo, é possível ir a um motel ali perto. Se o parceiro não quis sexo, ou se a pessoa não encontrou parceiro, há vários itinerários possíveis: tomar um taxi, ou chamar um carro de aplicativo para voltar à residência, quando se tem dinheiro para isso; ou esperar o sol chegar e, com ele, o aumento do fluxo dos ônibus, que deixam de circular nas madrugadas.

Para os que aguardam o sol chegar, é possível permanecer na boate até que as luzes sejam acesas e todos tenham que sair; terminar a noite nas barracas ou bares no entorno da boate; ou finalizar a noite em uma sauna, como a Termas Boa Vista [12], que nos finais de semana funciona até as seis da manhã. Na TBV [12] a possibilidade de sexo fortuito, pago ou não, é ampliada. Lá, inclusive, é possível desfrutar alguns momentos de sono numa cabine pra sexo ou poltrona, e tomar um necessário café da manhã (inclusive na entrada), depois de uma noite bastante agitada, voltando pra casa com o dia já claro.

3.3 Classe social e estigmatização

Ainda que circulem mais amplamente nos lugares de lazer dos bairros de residência, héteros ou *gayfriendlies*, as boates e os bares GLBT do centro assumem um lugar importante na sociabilidade dos nossos respondentes. MKB [9] e Metrópole [21] eram epicentros de conjuntos de outros estabelecimentos próximos e tinham, de certo modo, a Av. Conde da Boa Vista como principal delimitador de territórios (Mapa 2).³⁰

29 Também preciso dizer que, a partir de 2017, o polo de cima da 'Boa Bicha' (Mapa 1) sofreu uma desaceleração e mesmo encolhimento, com o fechamento de vários estabelecimentos, dentre os quais a MKB, a Confraria dos Ursos e Nosso Jeito, ícones das noites gays pernambucanas. Mas isso é assunto para outro texto. Por hora nos valem da noção de presente etnográfico, para continuar a discussão, que também servirá como um registro histórico da cena gay em estudo.

30 Caminhar a pé de um lado para outro da Av. Boa Vista, depois das 22 h, quando a maior parte dos trabalhadores da região já haviam seguido para suas residências, era muito perigoso; embora facilmente se conseguisse taxis para fazer a travessia



A Figura 1 é um fragmento do *Guia Gay Recife* (2014), edição nov./14-jan./15, lançado em novembro 2014. O clube Metrópole [21], além do espaço na seção Clubes/Club, ocupa toda última capa do livreto com sua propaganda. No interior do material aparecem referências ao novo espaço que seria inaugurado em 2015, ao lado do Clube Metrópole [21], o Miami Pub [22], e à Maria do Céu, administradora de ambos. A descrição, na seção Clubes/Clubs, chama atenção para o terraço, área aberta e para as duas pistas de dança da Metrópole. Sobre o MKB [9], sublinha o caráter “popular” do estabelecimento, e os vários espaços destinados a diferentes gostos musicais.

Figura 1 – Fragmento do Guia Gay do Recife



Fonte: Acevo dos autores.

Mas a descrição peca por não fazer referência a um dos principais atrativos do MKB [9]: os elaborados shows de travestis e transformistas, e a um dos principais elementos tomados como diacrítico entre as duas boates – a existência de um concorrido *darkroom*. No caso da Metrópole [21], acreditamos que o material poderia dar mais ênfase ao tipo de música tocada no Bar Brasil: o funk e o brega, e à bela decoração dos espaços. Os valores da entrada são apresentados no material: entre 15 e 40 reais na Metrópole [21], entre 10 e 20 reais na MKB [9] – a depender do dia da semana e do horário de chegada, e da reversão do valor da entrada em consumação.

Também é importante destacar que os dois territórios apresentavam um claro viés de classe social demonstrada pela ambientação dos espaços³¹ e pela raça/cor, cortes de cabelo, formas de vestir, adereços e gostos musicais de seus frequentadores. A Metrópole [21] é caracterizada pelos nossos interlocutores como um espaço de 'elite' e a MKB [9] um espaço da 'mundiça'³². Não obstante, nossas observações dos frequentadores permitem dizer que na primeira há pessoas de ambas as classes³³ e na MKB [9] há uma preponderância de pessoas pobres. Vale também destacar que ouvimos em conversas informais e presenciamos nas observações sobre um certo trânsito de pessoas entre as duas boates. Não é incomum as pessoas iniciarem a noite na mais 'chique' e depois se dirigirem para a MKB a tempo de assistir o concorrido show de transformistas, após o qual a azaração nas várias pistas de dança e a 'ferveção' no *darkroom* tendem a aumentar. Vejamos o que os nossos interlocutores dizem sobre as duas boates.

Enquanto a maioria dos entrevistados já tenha ido à Metrópole [21] ao menos uma vez na vida, boa parte nunca foi nem pretendia ir à MKB [9]. A maior parte já tinha ouvido falar da boate, quase sempre de forma pejorativa, como relata Roberto³⁴:

Porque sempre a gente vai pra Metrópole [21]. Deixa a MKB [9] pra lá. Também por causa da, até dos amigos, né? Eu não vou sozinho pros cantos. Aí meu amigo, ele ainda tem esse tipo de preconceito: "Não, porque só dá bicha poc", ele diz. [Uhum.] "bicha pão com ovo". "Mas menino, que besteira, a gente só vai pela música". [...] E até porque a Metrópole [21] e o Santo Bar [20], querendo ou não, ainda são as melhores boates de Recife.

Miguel³⁵, que também nunca foi à MKB [9], ainda assim, foi categórico quando perguntado:

Odeio a MKB [9], ela é um lixo, ali é um lixo. [Por quê?] O pessoal ali é muito nojento. Não estou generalizando tudo, mas a maioria das pessoas ali não levam a higiene a sério, entendesse? É muito complicado acho melhor não, nunca fui e não tenho vontade de ir não. [...] O lugar não me atrai, se fosse um lugar que me atrai... Por que, veja só, eu gosto de pessoas bem arrumadinhas, bem homenzinhos, assim, nesse estilo. É que nem caça a pokémon, só vou encontrar dentro da Metrópole [21] no meu estilo, ou no Santo Bar [20], fora isso, só em faculdade, só, entendesse? [...] A Metrópole [21] tem uma organização perfeita, tem pessoas legais, a música da metrópole também é bem legal, pessoas bonitas, pessoas inteligentes, olha, se você quiser encontrar alguém, eu acho que qualquer lugar você pode encontrar alguém, mas diversão, bater cabelo, putaria: Metrópole [21]; trocar conversa com amigos: Santo Bar [20].

31 A ambientação da MKB [9] era relativamente precária quando comparada às belas esculturas, quadros, jardins, poltronas e outros penduricalhos que configuram os espaços da Metrópole [21] como 'phinos', modernos e luxuosos. Conferir imagens do MKB [9], que no momento não está em funcionamento, no Foursquare city guide: <https://bit.ly/3v6XsVR>. Imagens da Metrópole [21] podem ser acessadas no seu perfil no Instagram e no Facebook

32 Tem o sentido de muita gente pobre junta e também remete à sujeira (imundice)

33 Na Metrópole [21] também havia marcas de classe na ocupação do espaço da boate, muito em função do que estava tocando. O Bar Brasil, quando tocava brega e funk, empretecia, aproximando-se, estilisticamente, da pista do brega do MKB.

34 Preto, 20 anos, morador de Jaboatão, não sabe se classificar quanto ao gênero, versátil, curso superior incompleto, não informou renda familiar, mencionou ter frequentado Metrópole [21], Santo Bar [20] e Rua da Moeda [3] por ocasião do inquérito.

35 Preto, 18 anos, morador do Recife, preto, másculo, versátil mais ativo, curso superior incompleto, renda per capita de R\$ 1.004,00, na ocasião do inquérito se referiu à Metrópole [21] e Santo Bar [20] como locais frequentados.



Paulo e Luís contam sobre o dia em que visitaram a MKB [9]:

Olha, eu já fui um dia. Fiquei muito assustado, ali é baixo nível total. [O que é que você viu lá?] Olha, eu entrei num darkroom, todo mundo fala “darkroom.” “Darkroom é uma delícia, não sei o que”, só que eu não sabia o que era um darkroom, não é? Porque na Metrópole não tem darkroom. Então, a não ser quando ela faz eventos e bota alguma montagem. Ai faz um quartinho de safadeza. Mas lá na MKB [9] tem o darkroom, entendeu? Então quando eu entrei tinham aqueles homens velhos, todos excitados, se alisando, não sei o quê. Foi um choque muito grande pra mim. Eu saí dali de dentro assustado. (Paulo)

E quando eu vi as pessoas que frequentavam, o nível, entendeu? [Uhum.] Eu não, não, não tô dizendo que... não quero desmerecer. Mas você é aquilo que você frequenta, eu acredito, entendeu? [Uhum.] É aquilo que você quer ser e eu não quero ser da pior, do pior, entendeu? Ninguém quer ser, eu acho. [Entendi.] Mas tem gente que gosta, que gosta de tá ali: “Eu sou da, da mundiça.” “Eu faço questão de ser da mundiça, da favela, não sei o que, não sei o quê”. E eu não sou assim, não é da minha índole. [...] O pessoal ia mal vestido, de sandália havaiana, de todo jeito, então eu não me senti que ali era o meu lugar. [Em comparação à Metrópole, tu achas melhor?] Zero. A outra é zero. Muita baixaria, é muita baixaria, muito. [...] Não dá pra avaliar em questão de espiritual, mas... e ainda dá porque eu vejo que ali na MKB [9] o negócio é mais pesado. A energia que flui ali é... [Pesada.] [...] Você vê e parece que é um inferno mesmo. [Então, no caso, as pessoas que frequentam a Metrópole [21], de certo modo, são um nível?] São mais; um nível mais elevado, entendeu? As cocotinhas. [Uhum.] As bichinhas mais metidinhas. (Paulo)

Já. Fui uma vez só. Foi bom, a experiência foi boa, né? Porque todo mundo me falava, me fala muito mal de lá. E não é tudo isso. Eu não gostei porque não é meu tipo de público. [Qual é o público e tal?] Como é que eu posso definir? É um... é um público mais fora da minha realidade, sabe? Não é questão financeira nem nada, mas a gente nota que é um público que não conhece o mundo LGBT, de fato. Só conhece aquilo, aquela coisa bem limitada. Seja por não ter condições financeiras, não ter condições sociais. [...] [Ai, no caso, o público da Metrópole [21] é diferente?] E, muito diferente. Lá na Metrópole [21] é um público mais elitista, um público que mais tem dinheiro, que viaja, que conversa, que para pra conversar. Já na MKB [9] não, é um povo que gosta muito de festa, né? Que mora mais em bairros mais humildes e etc.

[Entendi. E quando tu foste na MKB [9] o que é que tu percebeste que dissesse assim “ah, bom, não é assim que o pessoal tá falando”? O que é que tu viste que tu?] Quando eu fui, eu fui na impressão de que o povo sempre dizia que de fato era muito nojento. Que as pessoas se esfregavam a toda a hora, a todo momento. Não, de fato não é assim, né? [Uhum.] Tem um espaço reservado só pra isso e tem um espaço pra dançar igual à Metrópole. (Luís)

Já Márcio³⁶ e João³⁷ relataram preferir a MKB [9] à Metrópole [21] e explicam:

A MKB [9] é a melhor de todas. [Por quê?] Por que as bichas são as bichas mesmo. Na Metrópole as bichas são muito metidas, elas querem passar uma imagem, tá ligado? Todo mundo quer passar uma imagem, mas na MKB [9] você é mais livre, tá ligado? Você pode dançar do jeito que for, ninguém vai tá... Ninguém quando você diz assim, ninguém vai tá, mas sempre tem um ou outro. É bem mais livre, o ambiente é bem mais livre. Tanto é que lá tem uma sala que é um darkroom, é para você fazer o que imaginar lá. [...] É pesado mesmo ali, visse? Para quem gosta, é ótimo. (Márcio)

[Você já foi na Metrópole [21]?] Já. [E como é que foi lá?] Assim, eu nunca gostei de bichas patricinhas, a bicha metidinha e tal, eu sempre fui muito povão, gosto de bregão, gosto de dança, e lá tem esses estereótipos, né? Elas têm que tá limpas e arrumadinhas

36 Pardo, 21 anos, morador de Olinda, não soube se classificar quanto ao gênero, versátil mais passivo, de ensino superior incompleto, não ofereceu dados para calcular a renda per capita, no inquérito mencionou o Conchittas [19] como lugar de frequentação.

37 Preto, 26 anos, preto, morador de Olinda, efeminado, versátil mais passivo, estudou até a quinta série do Ensino Fundamental, renda per capita de R\$ 1.500,00. No inquérito disse ter frequentado MKB [9], Metrópole [21], Shopping Boa Vista [14], Posto Select [23].



na Metrópole [21], tem que tá muito arrumadinha. Não pode se soltar. Ficar a bicha na pose, eu não gosto. Eu gosto de dança, de beber e de me acabar. (João)

Para explorar um pouco mais a interpretação sobre diferenças de classe social entre os frequentadores das duas boates, buscamos por associações estatísticas com alguns marcadores sociais (Tabela 4). Consideramos para o procedimento apenas os respondentes que se referiram a estas como o primeiro lugar mais frequentado³⁸.

Enquanto gênero, posição sexual e raça, não apresentaram associações significantes, faixas de idade, escolaridade, situação laboral e motivo de não trabalhar, mostraram-se estatisticamente associados à frequência dos dois lugares. Nas duas boates há a predominância de jovens, não obstante, há na MKB [9] uma maior presença de um público mais velho – (18,9%) e 2,8% na Metrópole [21]. A escolaridade parece ser o principal elemento diacrítico na escolha pelas boates, a maior parte dos que frequentaram a MKB [9] tem Ensino Fundamental ou Médio (81,1%), e os que optaram pela Metrópole [21] já frequentaram universidade (73,2%). Ainda que a renda *per capita* (familiar) não faça diferença, na Metrópole [21] há maior frequência de homens sem trabalho (44, 9%) e o principal motivo para o não trabalho é estudo/estágio (Tabela 4).

Tabela 4 – Fatores associadas a frequência às boates Metrópole e MKB, nos seis meses anteriores à pesquisa

Marcadores sociais	Metrópole		MKB		p
	n	%	n	%	
Estilização de gênero					
Másculo	22	20,8	14	37,8	0,106
Efeminado	34	32,1	11	29,7	
Não sei	50	47,2	12	19,4	
Total	106	100	37	100	
Posição Sexual					
ExPa	12	11,3	01	2,7	0,224
VePa	21	19,8	12	32,4	
Ve	54	50,9	15	40,5	
VeAt	14	13,2	06	16,2	
ExAt	05	4,7	03	8,1	
Total	106	100	34	100	
Faixas de idade					
18-24 anos	80	74,8	20	54,1	0,006*
25-31 anos	24	22,4	10	27,0	
32-38 anos	2	01,9	5	13,5	
Acima de 38 anos	1	00,9	2	05,4	
Total	107	100,0	37	100,0	

38 Um fato interessante é que, entre estes, apenas Recife e Olinda apareceram como locais de moradia dos frequentadores do MKB [9]. Os moradores das outras cidades (16 respondentes) mencionaram a Metrópole [21]



Escolaridade					
Não teve acesso à universidade	28	26,2	30	81,1	0,000
Teve acesso à universidade	79	73,2	7	18,9	
Total	107	100	37	100	
Faixa de renda					
E	60	81,1	20	87,0	0,882
D	11	14,9	2	8,7%	
CB	3	04,1	1	4,3%	
Total	74	100	23	100	
Cor					
Negro	71	66,4	27	73,0	0,457
Não negro	36	33,6	10	27,0	
Total	107	100	37	100	
Situação Laboral					
Celetistas e estatutários	37	34,6	12	32,4	0,007*
Sem direitos	21	19,6	6	16,2	
Autônomos	01	00,9	6	16,2	
Sem trabalho	48	44,9	13	35,1	
Total	106	100,0	37	100,0	
Razão de não trabalho					
Não encontrou	08	16,7	05	38,5	0,025*
Estudo/Estágio	36	75,0	05	38,5	
Outro	04	08,3	03	23,1	
	48	100,0	13	100,0	

Fonte: Elaboração própria (2022).

*Exato de Fisher

Os resultados da análise do inquérito desarrumam o discurso dos entrevistados. Eles sugerem que a diferença de preferência por frequentar a MKB [9] e a Metrôpole [21] tem menos a ver com a dimensão de renda de classe social (a hipótese de Luís: “*é um público mais elitista, um público que mais tem dinheiro*”) e mais a ver com o *ethos* dos seus frequentadores, certamente produzido pelo acesso à universidade (RIOS, 2021b). Isso foi sinalizado por Miguel quando associou os tipos de parceiros que gosta de encontrar nos seus *points* preferidos, e que um outro lugar para encontrá-los seria a faculdade.

Essa distinção do público frequentador pela escolaridade é reforçada pelos indicadores de trabalho, com maior percentual de pessoas sem emprego entre os frequentadores da Metrôpole [21], e, especialmente, no motivo de não trabalho: na Metrôpole [21] por estar estagiando ou estudando, e na MKB [9] por ter procurado trabalho e não encontrado. Paradoxalmente se o acesso à universidade ajuda a desestigmatizar as homossexualidades, especialmente as parcerias



sexuais e afetivas entre dois homens efeminados (RIOS et al, 2021b), sugere também fortalecer o elitismo de classe social, expresso nos comentários estigmatizantes de nossos interlocutores.

Ora, que haja diferenças de frequência em lugares gays, relacionadas às diferenças financeiras ou de gosto e de modo de vida (música, dança, jeito de vestir etc.) é perfeitamente legítimo e aceitável. O que é eticamente inaceitável, entretanto, é a força opressiva presente na forte carga afetiva negativa utilizada como motivo para a não frequência da MKB [9]; aspectos atenuados por João e Márcio, que a frequentam regularmente, mas, ainda assim, presentes nas suas descrições do local.

Relatos que se produzem por meio de estilizações de locais e das pessoas que lhes são associadas, engendrando emoções, como nas entrevistas de Roberto e Miguel, que nunca foram na MKB [9]. De outro modo, as estilizações corporais produzidas pelas narrativas que circulam na coletividade, atualizadas por aqueles que não a conhecem, mas ainda sim a odeiam, é a de que o MKB [9] é um lugar sujo, que produz nojo. A frequência no lugar é caracterizada como de homens 'velhos' 'promíscuos', que usam do *darkroom* para satisfazer seus desejos sexuais, e das 'bichas pão com ovo' ou 'pocs' – HSHs efeminadas, 'fechativas'⁴⁰ e pobres, considerando os significados compartilhados nas redes de homosocibilidade da RMR.-

No arranjo estigmatizante (ELIAS; SCOTSON, 2000) que significa os dois espaços, gênero e sexualidade entram nas entrelinhas da classe social, seja na própria ideia de 'bicha poc' (não apenas pobre, mas também fechativa, escandalosa), seja na suposta 'promiscuidade' conferida ao local pelo *darkroom*. Na intersecção entre classe social, gênero e sexualidade, categorias de pessoas e de territórios produzem, sublinham e intensificam, mutuamente, as marcas estigmatizantes⁴¹.

Muito se tem discutido sobre como 'pinta' e passividade sexual entram como atributos depreciativos das identidades de HSHs nos próprios circuitos de homosociabilidade. (BAÉRE; ZANELLO; ROMERO, 2015; RIOS et al. 2019a; RIOS, 2021b; SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010) No caso em estudo, convém destacar que, embora não haja diferenças estatísticas na distribuição de estilizações de gênero (autoatribuída) dos frequentadores, conforme os dois espaços (ou seja, a distribuição de homens efeminados seria semelhante nas duas boates), configurações de feminilidade e masculinidade surgem como marcadores importantes da estigmatização aos espaços, organizando-se numa hierarquia de gênero, ou seja: 'bichas poc' (escandalosas) do MKB [9] são menos humanas que as 'bichas cocotinhas' (elegantes) e os homenzinhos arrumadinhos, também

40 'Fechação' tem aqui o sentido de configurações de feminilidade em performances que chamam atenção das outras pessoas do entorno. Muitas vezes tem o sentido de realizar algo escandaloso. Diferencia-se da 'pinta' pelo fato desta última acontecer de forma não intencional. (RIOS, 2012b)

41 Um arranjo simbólico muito parecido como o descrito por Simões, França e Macedo (2010) para significação dos espaços de homosociabilidade do centro de São Paulo.



chamados de 'boys padrão', da Metrópole [21]. Assim, o caráter negativo das configurações de feminilidade é atenuado pela elegância das cocotes e acentuado na 'fechação' das 'pocs', criando uma gradação e hierarquização das 'bichas' efeminadas marcadas por classe social.

Curioso que o 'cafuçu', estilização de gênero comumente adscrita aos homens masculinos pobres e negros⁴², não figura nas marcações para depreciar a MKB e seus frequentadores. Certamente porque nas redes de homosociabilidade investigadas esta configuração de masculinidade, embora não seja o ideal para casar, ainda assim, é bastante desejável para transar (RIOS, 2021b; RIOS; PAIVA; BRIGNOL, 2019), não cabendo figurar como elemento depreciativo. Uma estilização que tem uma valoração muito semelhante ao do 'negão' da cena gay do centro de São Paulo, descrita por Simões, França e Macedo (2010).

Também queremos explorar um pouco mais o *darkroom* como atributo de estigmatização. Considerando o contexto goianiense, Braz (2013) mostra como os *darkrooms* haviam entrado em desuso e eram, como nas narrativas que recolhemos, utilizados como modo de destituir a qualidade de algumas boates daquela cidade – mesmo que, sublinhemos, em nenhuma delas houvesse mais *darkrooms*.

É importante recordar que o sexo homossexual, impessoal e com muitos parceiros, característico do experimentado nos *darkrooms* (BENÍTEZ, 2007), assume lugares inferiores nas hierarquias da sexualidade ocidental. (RUBIN, 1998) Assim, conforme sugere Braz (2013), sua existência, como marca da 'promiscuidade' gay, deve ser afastada das boates que querem passar uma imagem de normalidade, de modo que o mercado contribuiria para domesticar os "excessos e experimentações sexuais relacionados à caça e à pegação". (Braz, 2013, p. 8)

O jogo que se opera na estigmatização é tão capcioso que muitas vezes os narradores nem se dão conta de que estão utilizando de características que lhes servem como descritores para marcar lugares e pessoas estigmatizadas. Paulo facilmente poderia ser categorizado como uma 'bicha poc' pela renda *per capita* familiar, origem de moradia e, especialmente, por ser efeminado. Seu curso de vida sexual (descrito em RIOS *et al.*, 2022), inclui surubas e pegações em banheiros, espaços tão estigmatizados (estigmatizantes de quem os frequenta) como os *darkrooms* da MKB [9]. A primeira boate que frequenta, que ele rememora com saudosismo, a Moeda Eletrônica, era muito semelhante à MKB [9] na estrutura física, especialmente no público frequentador e na música tocada. Ainda assim, sua narrativa é uma das que mais atualizam os sentidos estigmatizantes conferidos à MKB [9]. Talvez uma tentativa de produzir uma distinção em relação de sua origem e classe social por meio dos lugares de frequência nos meses anteriores às respostas do inquérito

42 Sobre a estilização do 'cafuçu' conferir França (2013b), Rios, Paiva e Brignol (2019) e Rios (2021b).



e da entrevista.

4 Considerações finais

Ao longo do trabalho mapeamos os principais espaços de territorialização da homosociabilidade da RMR. Lugares para diversão e para a realização dos desejos sexuais dos nossos interlocutores etnografados por meio de observações, entrevistas e inquérito comportamental, realizados entre março de 2013 e fevereiro de 2017.

Nossos esforços para uma georreferenciação da sociabilidade de homens gays e outros HSHs mostrou que, ainda que não possamos reduzi-la a territórios muito bem definidos – uma vez que possibilidades de ‘entendimento’ podem se atualizar em espaços os mais inusitados –, é possível dizer que existem territórios gays na RMR. Lugares que se organizaram para responder ao estigma da homossexualidade e que, de certo modo, também estão sujeitos à epistemologia do armário e às intersecções com outros marcadores sociais – demos relevo para idade, renda, trabalho e, sobretudo, para classe social.

A pesquisa mostrou que os lugares que se constituíram especificamente para homens gays e outros HSH têm como epicentros boates, e estavam localizados no centro do Recife, aproveitando-se do anonimato e da impessoalidade das regiões morais. Embora observações em saunas e cinemas pornô os apontassem como lugares bastante frequentados, eles tiveram pouca expressão em termos de relatos de frequência nas entrevistas e nos inquéritos, o que pode ter a ver com o medo de ser estigmatizado ao dizer que frequenta espaços orgiásticos, muitas vezes percebidos como sujos e promíscuos, numa pesquisa sobre sexualidade e aids.

Demos mais atenção para indicadores de classe social, os quais se utilizam e reforçam marcadores das hierarquias de gênero e de sexualidade para a estigmatização de lugares e pessoas. A MKB é estigmatizada como suja e nojenta, frequentada por homes ‘velhos’ ‘promíscuos’, que curtem *darkrooms*, pela ‘mundiça’ mal vestida e de precária higiene, por ‘bichas pão com ovo’ ou ‘pocs’ – pobres e ‘pintosas’. A Metrópole é a boate da elite, luxuosa e bem frequentada, com relevo para as ‘cocotes’ e ‘boys padrão’, muito bem vestidos e asseados.

A análise de correlação entre características dos frequentadores da Metrópole [21] e MKB [9] mostrou que a renda não possui associação significativa com a frequência. Não obstante, universitários tendem a frequentar mais a primeira boate que a segunda. Na nossa interpretação, a estigmatização que confere sentido aos dois lugares tem mais a ver com os componentes de escolarização de classe social do que com os de renda. Assim, e paradoxalmente, a mesma escolarização que ajuda a quebrar estigmatizações de sexualidade e de gênero reforça o



elitismo, interseccionando com marcadores que significavam como menos humanas as categorias estigmatizadas nos dois outros sistemas: efeminados/gênero e promíscuos/sexualidade.

Referências

- BAÉRE, F.; ZANELLO, V.; ROMERO, A. C. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética*, Brasília, DF, v. 23, n. 3, p. 623-633, 2015.
- BARATA, R. B. et al. Classe social: conceitos e esquemas operacionais em pesquisa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 647-655, 2013.
- BENÍTEZ, M. E. D. Dark room aqui: um ritual de escuridão e silêncio. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 93-112, 2007.
- BERLANT, L., WARNER, M. Sex in Public. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 24, n. 2, p. 547-566, 1998.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico: Aids e DST*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- BRAZ, C. 'Dark Room...cadê?!' Reflexões sobre a (ausência de) 'pegação' em boates GLS de Goiânia, Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO. 10., 2013, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.
- BRAZ, C. De Goiânia a 'Gayânia': notas sobre o surgimento do mercado "GLS" na capital do cerrado. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 277-296, 2014.
- BRUNER, J. *Atos de significado: para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições Escuta, 1990.
- BUTLER, J. *Cuerpos que importan*. Sobre los limites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2010.
- CLASTRES, P. O arco e o cesto. In: CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1985.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FRANÇA, I. L. Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 28, p. 227-255, 2007.
- FRANÇA, I. L. "Frango com frango é coisa de paulista": erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 13-39, 2013b.
- FRANÇA, I. L. Espaço, lugar e sentidos: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. *Revista Latino-americana de Geografia e*



Gênero, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 148-163, 2013a.

FREUD, S. *Freud (1923-1925)* – Obras completas volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

FRY, P. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GASPAR NETO, V. A organização da transgressão em espaços de pegação masculina: três breves relatos etnográficos. *Antropolítica*, Niterói, n. 31, p. 147-165, 2011.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREEN, A. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2002.

GUIA Gay do Recife. Recife: Guiya, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3v7wvBe>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GUIMARÃES, C. D. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HUMPHERYS, L. The sociologist as voyeur. In: GELDER, K.; THORNTON, S. (ed.). *The Subcultures Reader*. London: Routledge, 1997.

JUNG, C. *Fundamentos de psicologia analítica*. Petrópolis: Vozes, 1985.

KRIEGER, S. An identity community. In: NARDI, P.; SCHNEIDER, B. (ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. London: Routledge, 1998.

LANCASTER, R. “That we should all turn queer?”: homossexual stigma in the making of manhood and the breaking of a revolution in Nicaragua. In: PARKER, R.; AGGLETON, P. (org.). *Culture, society and sexuality: a reader*. London: UCL, 1999. p. 97-115.

MONTEIRO, S. E. *et al.* Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). *Cadernos pagu*, n. 35, p. 79-109, 2010.

MOUTINHO, L. Negociando com a adversidade: reflexões sobre raça, (homos) sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p. 103-116, 2006.

OLIVEIRA, L. Sexual diversity in the erotic market: gender, interaction and subjectivities in a suburban nightclub in Rio de Janeiro. In: CLAM. (org.). *Sexuality, Culture and Politics: a South American reader*. Rio de Janeiro: Clam, 2013. p. 508-528.

PARKER, R.; AGGLETON, P. *Estigma, discriminação e AIDS*. Coleção ABIA: Cidadania e Direitos, n. 1. Rio de Janeiro: Abia, 2001.

PARKER, R. *Abaixo do Equador: culturas do desejo: Homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASCOM, A.; ARRUDA, M.; SIMÃO, M. (org.). *Pesquisa de Conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 64 anos, 2008*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

PEREIRA, T. I.; SILVA, L. F. As políticas públicas do ensino superior no governo Lula: expansão ou democratização? *Revista debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 10-31, 2010.



PERLONGHER, N. O. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, F. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 357-376, 2012.

RAXACH, J. *et al. Práticas sexuais e conscientização sobre AIDS: uma pesquisa sobre o comportamento homossexual e bissexual*. Rio de Janeiro: Abia, 2007.

RIBEIRO, C. A. C. Quatro décadas de mobilidade social no Brasil. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 3, p. 641-679, 2012.

RIOS, L. F. *et al.* Posições sexuais, estilos corporais e risco para o HIV entre homens que fazem sexo com homens no Recife (Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 24, v. 3, p. 973-982, 2019a.

RIOS, L. F. *et al.* O drama do sexo desprotegido: estilizações corporais e emoções na gestão de risco para HIV entre homens que fazem sexo com homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 65-89, 2019b.

RIOS, L. F. *et al.* Couro no couro: práticas soroadaptativas, eroticidade e prevenção do HIV nos circuitos de homosociabilidade masculinos da Região Metropolitana do Recife. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 47, especial 7, 2022.

RIOS, L. F.; ADRIÃO, K. G. Sobre descrições, retificações e objetividade científica: reflexões metodológicas a partir de uma pesquisa sobre condutas sexuais e HIV/aids entre homens com práticas homossexuais. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 31, n. 1, e210427, 2022.

RIOS, L. F.; PAIVA, V.; BRIGNOL, S. Passivos, ativos and versáteis: men who have sex with men, sexual positions and vulnerability to HIV infection in the Northeast of Brazil. *Culture Health & Sexuality*, London, v. 21, n. 5, p. 510-525, 2019.

RIOS, L. F. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, suppl. 2, p. S223-S232, 2003.

RIOS, L. F. *O Feitiço de Exu: um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. 2004. 330 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RIOS, L. F. Corpos e prazeres nos circuitos de homosociabilidade masculina do centro do Rio de Janeiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 465-475, 2008.

RIOS, L. F. Fara Logun: a pesquisa formativa e a implementação de um projeto de prevenção para homens jovens com práticas homossexuais no candomblé. *In: PAIVA, V.; PUPO, L.; SEFFNER, F. (org.). Vulnerabilidade e Direitos Humanos: prevenção e promoção da saúde - pluralidade de vozes e inovação de práticas*. Curitiba: Juruá, 2012a. p. 183-224.

RIOS, L. F. O paradoxo dos prazeres: trabalho, homossexualidade e estilos de ser homem no candomblé queto fluminense. *Etnográfica*, Lisboa, v. 16, n. 1, p. 53-74, 2012b.

RIOS, L. F. “Paizões”, “filhotes” e a “simbiose do amor”: regulações de gênero entre homens frequentadores da comunidade dos “ursos” no Recife (Brasil). *Etnográfica*, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 281-302, 2018.

RIOS, L. F. *Era uma vez... Memórias de um escutador de histórias interpelado pela pandemia da Covid-19*. 2020. Memorial (Professor Titular) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2020.



RIOS, L. F. Sexualidade e prevenção entre homens que fazem sexo com homens nos contextos das pandemias de AIDS e da Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 5, p. 1853-1862, 2021a.

RIOS, L. F. Da hierarquia à igualdade? Parcerias sexuais, estilizações de gênero e classes sociais entre homens com práticas homossexuais. *REBEHC*, Cuiabá, v. 4, n. 15, p. 219-248, 2021b.

RODRIGUES, M. C.; NARDI, H. C. Diversidade sexual e trabalho: reinvenções do dispositivo. *Bagoas*, Natal, v. 3, n. 2, p. 127-144, 2008.

RUBIN, G. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: REITER, R. (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review, 1975. p. 157-210.

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDIR, P.; SCHNEIDER, B. (org.). *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader*. Londres: Routledge, 1998. p. 143-178.

SEDGWICK, E. A epistemologia do armário. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2007.

SIDRIM, R. M. S.; FUSCO, W. Mobilidade pendular e inserção ocupacional na Região Metropolitana do Recife. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, Salvador, v. 1, n. 42, p. 239-265, 2019.

SIMÕES, J.; FRANÇA, I.; MACEDO, M. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 35, p. 37-78, 2010.

TERTO JR, V.; SEFFNER, F. Sex in Motion: notes on urban brazilian sexual scenes. In: AGGLETON, P.; PARKER, R. *Routledge handbook of sexuality, health and rights*. New York: Routledge, 2010.

THORNTON, S. The "Chicago School" and the sociological tradition: introduction to part one. In: GELDER, K.; THORNTON, S. (ed.). *The Subcultures Reader*. London: Routledge, 1997b.

VALENTE, T. *Social networks and health: models, methods, and applications*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

